

O REDEMOINHO DE PALAVRAS. ANÁLISE DO DISCURSO, INCONSCIENTE, REAL, ALTERIDADE.

Marie-Anne Paveau

(Université de Paris 13-Villetaneuse / EA 452 CENEL)

RESUMO

O artigo tem como objetivo retomar conceitos fundadores da Análise do discurso francesa (ADF) e comentar reformulações sofridas por alguns deles ao longo do tempo. Enfoca, assim, aspectos teóricos que aproximaram a análise do discurso, o materialismo e a psicanálise, reexaminando-os a partir dos conceitos de inconsciente, real e alteridade e do conceito de discurso. Situa rumos epistemológicos da ADF e revisita algumas das noções de base propostas pelos estudos de M. Pêcheux, praticadas ainda hoje nas diferentes correntes da disciplina, assim como aborda outras que não mais correspondem às propostas nos textos originais do autor. Considera, por fim, que a análise do discurso tal como é praticada atualmente na França é resultado de evoluções epistemológicas inversas. Uma na qual se privilegia o foco da análise lingüística da língua, desvinculada da história (movimento internalista), e outra que a entende como extensão de uma sociologia da fala, desconsiderando a materialidade da língua e situando seu objeto na interação em geral (movimento externalista). Esse quadro constata que a ADF ao desmarxizar-se se “desmaterializa” por um lado e ao perder “a dimensão do inconsciente” tem subtraídos interesse e risco.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso, inconsciente, real, alteridade.

De maneira geral, o inconsciente é no sujeito uma cisão do sistema simbólico, uma limitação, uma alienação produzida pelo sistema simbólico

(LACAN, Seminário I, *Escritos técnicos de Freud*, 1953-1954).

Acima de tudo, não basta ficar colado a uma teoria: é preciso ainda ver como ela se comporta, ou seja, por ser ainda um dispositivo de teses, aquilo que ela recusa e aquilo que ela autoriza
(ALTHUSSER, *Solidão de Machiavel*).

Introdução

A análise do discurso dita francesa (doravante ADF), praticada (mais que fundada) por M. Pêcheux entre 1969 (data da publicação de *Analyse automatique du discours*¹) e sua morte em 1983, foi um extraordinário momento de prática teórica e científica para as ciências humanas francesas. Com um fundo de luta política e ideológica, no pano de fundo do pensamento althusseriano, e amarrada a uma reflexão em que a história, a filosofia, a psicanálise e a lingüística dialogaram, essa análise do discurso marcou profundamente a pesquisa francesa. Entretanto, atualmente ela é objeto de um surpreendente paradoxo: quase esquecida na França (« A partir dos anos 80, essa corrente foi progressivamente marginalizada » diz o já clássico *Dicionário de análise do discurso* organizado por D. Maingueneau e P. Charaudeau no artigo *Escola francesa da análise do discurso*), ela foi exportada ao Brasil onde é muito trabalhada; consideravelmente enfraquecidos e às vezes radicalmente transformados entre os lingüistas, ainda que conservados, outro paradoxo (ver Paveau, Rosier 2005 a respeito do interdiscurso, Paveau 2006 a respeito do pré-construído, Paveau 2008 a respeito da bakhtinização da ADF), seus conceitos estão, **no entanto, conservados** e relidos pelos... filósofos (MACHEREY 2007).

Gostaria de reatar aqui alguns fios teóricos e disciplinares que aproximaram a análise do discurso, o materialismo e a psicanálise, reexaminando seus laços, ou melhor dizendo, seus nós, entre os três conceitos de inconsciente, real e alteridade e o conceito de discurso. Mas antes disso, farei alguns comentários sobre o estado atual da teoria materialista do discurso na França e no Brasil.

1. O destino epistemológico da ADF

M. Pêcheux, como L. Althusser, por diferentes razões que estão ligadas, no entanto, às manifestações do instinto de morte que ambos tinham em comum, caiu literalmente em um esquecimento repentino e

espantoso desde seu suicídio em dezembro de 1983, esquecimento mesclado de desconfiança por uma obra que estreitou os laços entre a posição científica e a luta política, em um país que ainda crê que a ciência é, deve ser e principalmente deve permanecer «objetiva».

1.1. M. Pêcheux fora de seu texto

O livro-antologia de D. Malidier (1990) o retirou dessa escuridão, mas a meu ver ao preço de uma tradução, até mesmo de uma reformulação de alguns de seus conceitos que não me parecem sempre corresponder às definições dos textos originais (ver PAVEAU, 2006, pp. 65-67 a respeito do pré-construído e do interdiscurso, por exemplo). É de fato notório que se leia desde então M. Pêcheux no texto de D. Malidier, e, portanto, fora de seu próprio texto; é assim que o próprio P. Macherey o aborda, por exemplo, nas duas conferências de janeiro de 2007, que dedica a Thomas Herbert (MACHEREY 2007)², e o mesmo se dá nas ciências da linguagem: quase todas as referências atuais a M. Pêcheux passam pela obra *L'Inquiétude du discours*³, e tornou-se algo raro lê-lo em seu texto. Afora isso, falar de M. Pêcheux àqueles que o conheceram nunca é muito neutro, assemelhando-se às vezes a furar uma chapa de chumbo, já que alguns se recusam a responder às perguntas. Exceto no Brasil onde, por motivos históricos que seria demasiado longo explicar, mas cujo traçado se pode encontrar parcialmente no artigo de E. Orlandi sobre a história brasileira da análise do discurso (2007), ele é uma figura científica verdadeiramente central, uma vez que no Brasil sua obra vem sendo incansavelmente traduzida, comentada, questionada: em 2003, pelos vinte anos de sua morte, organizou-se em Porto Alegre um colóquio em sua homenagem. Apenas três franceses estiveram presentes: J.-J. Courtine, M. Plon e F. Gadet, ou seja, um aluno e dois amigos muito próximos. Na França, não houve manifestação de espécie alguma. O texto que M. Plon apresentou, magnífico e agressivo (onde ele ousou empregar os termos *enterro*, *esquecimentos apressados* e *elogio fúnebre* para descrever o devir dos trabalhos de Pêcheux na França), descreve muito bem as relações complexas que M. Pêcheux entretinha com L. Althusser « desde seu Quartel General do exército filosófico da rua d'Ulm » (2003, p. 32) e também com o lacanismo, ou mais exatamente a concepção lacaniana do discurso. O texto de J.-J. Courtine, significativamente intitulado « L'étrange mémoire de l'analyse du discours »⁴, aponta severamente para aquilo que ele

chama de deformação da teoria de M. Pêcheux na França e « o apagamento da singularidade de suas posições no desenvolvimento da AD na França » (2003, p. 4). Essa « estranha memória » apagou de fato as próprias condições de produção dessa teoria: o quadro do materialismo histórico, o conceito central de contradição, que implica que todo discurso, toda formação discursiva, seja estruturado(a) pela divisão, a articulação entre o real e a língua, o real e a história (que implica uma articulação disciplinar entre lingüistas e historiadores), entre o discurso e o que M. Pêcheux chamava seus « exteriores », ou seja, a determinação do sujeito falante por evidências desconhecidas de si mesmo, em outras palavras, pelo inconsciente e a ideologia, em que um está embutido no outro.

1.2. Exílios epistemológicos e reconstruções teóricas

Mas é surpreendente que certos conceitos tenham permanecido sob a forma de etiquetas às vezes associadas a outros significados e mesmo atribuídas a outros pesquisadores, e tornaram-se noções de base para a prática da análise do discurso em suas diferentes correntes. O interdiscurso é um sucesso nos trabalhos atuais de análise do discurso, a lingüística textual apropriou-se de sua noção (J.-M. Adam usa-o amplamente). E da mesma forma nas ciências da informação e da comunicação, em um paralelo às vezes confuso com o intertexto. Ele também é freqüentemente articulado com o dialogismo bakhtiniano e até mesmo assimilado a Bakhtin, a ponto de esse autor ser às vezes apresentado como seu criador (cf. PAVEAU 2008). Os conceitos de formação discursiva, formação social e formação ideológica, mesmo quando remetidos a conjuntos homogêneos de discursos, de fatos sociais ou de posições, já passam a fazer parte do léxico comum dos analistas. Noções como a materialidade languageira ou discursiva, tiradas diretamente do materialismo mais marxista e o mais impregnado de filosofia política, designam de maneira descritiva as frases, textos ou discursos observados no curso da análise lingüística.

Outros conceitos, freqüentemente ligados à psicanálise lacaniana ou à reformulação althusseriana da teoria marxista, desapareceram: a noção de esquecimento (a teoria dos dois esquecimentos formulada em *Les vérités de La Palice*⁵ em 1975), a de « todo complexo de dominante », que se tornou ilegível, ou ainda a de intradiscurso, separada da de interdiscurso, com a qual ela forma, no entanto, um par teórico

inseparável. Noções como a do enquadramento e a da articulação, ligadas à elaboração do pré-construído e a uma reflexão sobre a paráfrase, se perderam; a utilização pura do efeito (no efeito-sujeito, efeito ideológico, efeito de dicionário), que se baseava sobre a ilusão do domínio e da homogeneidade foi abandonada. Para isso há várias razões: o desligamento entre ciência e política que afastou os conceitos marxistas, a concorrência entre o sujeito pragmático consciente e intencional, de um lado, e o sujeito da psicanálise, do outro, fosse essa freudiana ou lacaniana, sujeito do inconsciente dividido e separado de si-mesmo (a forclusão), e enfim, talvez, como o ressalta J.-J. Courtine, uma « gramaticalização » da análise do discurso, um retorno a modelos de cientificidade da lingüística que implica um afastamento de seus exteriores.

Ora, a ADF foi dominada pela idéia de que o sujeito falante era atravessado, inconscientemente, por aquilo que não ele é: a alteridade, tema deste número, estava nos fundamentos da reflexão de M. Pêcheux e de seus colaboradores, como de um bom número de pesquisadores e intelectuais entre os anos 1960 e 1980 (a começar por M. Foucault). A elaboração da noção de Outro por Lacan é realmente um marco fundamental em todas as ciências humanas, ao introduzir uma verdadeira ruptura epistemológica, transformando a concepção do sujeito. P. Henry, colega de teoria de M. Pêcheux, o explica muito bem em *Le mauvais outil*⁶, obra que traz uma concepção da língua atravessada justamente pelos disfuncionamentos e pelos buracos do inconsciente:

A psicanálise trata então o sujeito como um efeito. Mais precisamente, o sujeito que é sua matéria-prima é efeito da linguagem. Ao final das contas, essa colocação do sujeito em relação à linguagem é que permite à psicanálise romper com a ideologia da transparência. Além do mais, colocar o sujeito como efeito significa retirá-lo da posição de centro, fonte, unidade de uma interioridade, etc. (HENRY 1977, p. 21).

E o materialismo histórico tal qual L. Althusser o reformula a partir de sua leitura de Marx repousa sobre a noção de heterogeneidade, como todo materialismo, por sinal: define-se a partir do que ele não é. É esta dimensão de outro ou de outro lugar na ciência que examinarei agora, a partir dos três « pilares » que são o inconsciente, o real e a alteridade.

2. Análise do discurso e sujeito do inconsciente

Surgiu desde 1966, da ADF (primeiro artigo de M. Pêcheux sob o pseudônimo de Thomas Herbert nos *Cahiers pour l'analyse*), um aparelho conceitual robusto e rigoroso que emana de um « intelectual coletivo » conduzido pela figura singular de M. Pêcheux. Apesar da abundância teórica e metodológica dessa corrente e do seu grande vínculo com as realidades políticas, ideológicas e sociais dos anos 1960 a 1980, torna-se difícil atualmente o seu exame. Descreverei a seguir os traços maiores, que constituem grandes obstáculos à compreensão desse corpus teórico.

2.1. A interdisciplinaridade

O corpus interdisciplinar de onde surgiu a ADF (psicanálise, filosofia, história, ciências da linguagem) representa um somatório de leituras cruzadas dificilmente passível de uma restituição hoje em dia, mas que tentarei, no entanto descrever:

– *a Psicanálise*, sobretudo através do seminário de Lacan, iniciado em 1953, impregnou de maneira às vezes subterrânea e invisível todos os trabalhos da época, particularmente o pensamento de Althusser (sobretudo a partir de 1963, quando Lacan o contacta, estabelecendo-se assim um elo entre eles, cf. ALTHUSSER 1992, ROUDINESCO 1993), e também o de Pêcheux, que acompanha desde 1968 o seminário de Laplanche em Sainte-Anne e flerta em todos os seus textos com a psicanálise, mesmo quando as referências precisas não eram mencionadas (LAPLANCHE 1968). Sabe-se por sinal que o mesmo ocorre com o pensamento de Foucault (BIRMAN 2007). Mas foi uma época em que as referências precisas (nome, título, data) não eram realmente a regra e que o pensamento mais se assemelhava a uma impregnação coletiva que a uma organização explícita de inspirações e de empréstimos.

– *a Filosofia* foi essencialmente o corpus marxista, ou melhor dizendo, aquele que Althusser reconstruiu, e multiplicou por sua releitura. Todos conhecem a extensão e a complexidade desse duplo corpo de textos, duplo porque os textos de Marx foram « duplicados » por sua releitura althusseriana, como o indica muito explicitamente o título de Lire « *Le Capital* », que não é um título estereotipado de obra filosófica. Sabemos que a filosofia de Althusser é de certa forma uma meta-filosofia. A ADF esgotou sua energia teórica nesse corp(u)s, como o indica

J.-J. Courtine, aluno de M. Pêcheux, em sua tese de 3º ciclo que ele defende sob a orientação de Pêcheux e sobre que ele publica em um número de *Langages* em 1981:

Esse conjunto de trabalhos visa aquilo que podemos chamar (Pêcheux 1975) a « articulação » da lingüística e do materialismo histórico, como « ciência da história das formações sociais e de suas transformações », e mais especificamente aquela parte do materialismo histórico designada como « teoria das ideologias » na releitura do corpus marxista levada a cabo por LA (COURTINE, 1981, p. 12).

E na página seguinte:

Se a análise do discurso se volta para questões atravessadas pela luta de classes, se, na análise do discurso político, todo discurso concreto remete a uma posição determinada na luta ideológica de classes, então é muito possível que o sentido primeiro de uma intervenção do materialismo histórico nesse campo teórico-prático seja o de vir lembrar os princípios, esquecidos de maneira distinta pelo sociologismo ou pelo teorismo, da primazia da contradição sobre os contrários assim como do caráter desigual da contradição (COURTINE, 1981, p. 13).

– *a História*, resgatada diretamente do materialismo histórico, como disciplina estreitamente articulada à lingüística. Não há discurso sem história do discurso e não há história do discurso sem discurso da história, já que o discurso se define como produção verbal configurada por suas condições sócio-históricas de produção. Os historiadores estão presentes no círculo de Pêcheux nos inícios da ADF (Régine Robin, Jacques Guilhaumou, entre os mais conhecidos), eles tentam fazer entrar a dimensão discursiva no trabalho do historiador mas sem obter muito sucesso na França, onde a história permanece como a descrição arquivada de uma realidade diretamente tangível. A guinada lingüística, levada a cabo pelos anglo-saxões (Skinner) e alemães (Koselleck), foi e permanece uma virada difícil e até mesmo impossível para os franceses.

– *as Ciências da Linguagem*, enfim, que não nasceram com Saussure contrariamente ao mito da origem da disciplina (o « corte saussuriano », Pêcheux *et al.* 1971), e tiveram igualmente uma longa história, densa e internacional (nos anos 1960, Harris chega dos Esta-

dos-Unidos com sua *discourse analysis*, e nos anos 1970, é Bakhtine que vai pipocar na França bagunçando o coreto da ADF com as bandeiras do social e do dialogismo). Como manter juntos esses três domínios, congelados e fora da temperatura ambiente, quarenta anos depois e, talvez, com seus veteranos silenciados ou retirados de cena? Como fazer a história e a teoria do que se escreveu, em parte, durante o engajamento, a paixão e as relações pessoais?

2.2. A onipresença do inconsciente

O discurso é posto sob o signo do inconsciente desde o início dos anos 1950. Aquilo que Lacan chama de « análise do discurso » em 1953 é a análise dos materiais linguageiros tratados na sessão :

VI. Análise do discurso e análise do eu

Para o seminário que hoje vamos todos compartilhar escolhi o título de *Análise do discurso e análise do eu*, mas não posso prometer dar cabo de um título tão ambicioso em uma única sessão. Ao opor esses dois termos, creio poder renunciar, por substituição, à oposição clássica análise do material/análise das resistências (LACAN, *Seminário 1*, 1975 [1953-1954], p. 103).

O discurso será sempre definido por Lacan como uma produção que escapa ao sujeito, em particular através da metáfora do redemoinho de palavras, espécie de armadilha para o locutor :

[...] a palavra supõe precisamente a existência de uma cadeia significante. [...] Ela supõe a existência de uma rede de empregos, ou seja, do uso de uma língua. Ela supõe além disso todo esse mecanismo que faz com que – diga o que você disser ao pensar algo ou sem o pensar, seja qual for a sua verbalização – uma vez que você entra no redemoinho das palavras, seu discurso diz mais do que você quis dizer (LACAN, *Séminaire 5*, 1957-1958, p. 18).

Quando L. Althusser e depois M. Pêcheux se apropriam da noção de discurso, ela é então carregada da dimensão psicanalítica. Em 1966, L. Althusser traça as linhas de uma « teoria do discurso », partindo da idéia que a teoria psicanalítica é uma teoria regional e que era preciso elaborar uma teoria geral que seria uma teoria do discurso :

Pretendemos sugerir aqui que a teoria geral da psicanálise deve ser averigüada naquilo que permita constituir a teoria regional do discurso do inconsciente, a um só tempo como discurso, e como discurso do inconsciente, ou seja, não em uma, mas em duas teorias gerais cuja articulação será preciso pensar (ALTHUSSER, 1966, p. 129).

É em seus *Écrits sur la psychanalyse*, e em particular nas « Cartas a Diatkin » e as « Três notas sobre a teoria dos discursos », logo, desde 1966, que ele vai elaborar sua teoria da ideologia, formulada definitivamente no célebre artigo de 1970, « Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado, notas para uma pesquisa ». A teoria da ideologia de L. Althusser é de fato profundamente enraizada na do inconsciente, como o demonstra a passagem seguinte das « Cartas a Diatkin »:

Concordamos com o fato que uma vez constituído, o inconsciente funciona como uma estrutura « intemporal ». Empregarei aqui uma comparação: uma vez *montado* e montado para ser capaz de funcionar, um *motor* « funciona » sempre à base de *alguma coisa*. Por exemplo um motor a gasolina funciona a gasolina. Ora, eu me pergunto se o inconsciente também não precisa de algo para funcionar : e esse « algo » parece-me, em última análise o ideológico. Sobre esse ponto, seria preciso esboçar uma explicação do que é o ideológico. Basta, para nosso presente propósito saber que o ideológico não se reduz aos sistemas conceituais do ideológico, mas é uma estrutura imaginária que existe não somente sob a forma de conceitos como também sob a forma de atitudes, gestos, comportamentos, intenções, aspirações, recusas, permissões, interditos, etc. (ALTHUSSER, 1966, p. 108).

Desde 1963 em « Marxisme et Humanisme » (ALTHUSSER, 1965, pp. 223-249), o inconsciente é colocado como central na definição da ideologia :

Ela é profundamente *inconsciente*, mesmo quando ela se apresenta (como na « filosofia » pré-marxista) sob uma forma reflexiva. A ideologia é exatamente um sistema de representações: mas na maior parte do tempo essas representações nada têm a ver com a « consciência »: na maior parte do tempo elas são imagens, às vezes conceitos, mas elas se impõem acima de tudo como *estruturas* à imensa maioria dos homens, sem passar por sua « consciência ». Elas são objetos culturais percebidos-aceitos-experimentados, e agem funci-

onalmente sobre os homens por um processo que lhes escapa (ALTHUSSER, 1965 [1963], pp. 239-240).

Essa reconstituição um pouco fatídica me parece importante para mostrar a que ponto todas as teorizações daqueles anos em torno da questão do sujeito, de suas produções verbais e discursivas, assim como seus posicionamentos sociais e políticos, estão ligados à questão do inconsciente. Na obra de Althusser, essa reflexão termina nas célebres páginas do artigo de 1970 e naquela fórmula bem conhecida: « Como todas as evidências, inclusive a de que uma palavra “designa uma coisa” ou “possui uma significação” (portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem), essa “evidência” de que você e eu somos sujeitos – e que isso não é um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar » (1970, p. 303).

No mesmo momento, M. Pêcheux escreve seus dois primeiros artigos sob o pseudônimo (HERBERT, 1966, 1968), publica sua obra *Analyse automatique du discours* (1969) e começa a elaborar as noções do interdiscurso e do pré-construído (nos anos 1970-1971, com C. Fuchs e A. Culioli). O inconsciente é uma noção onipresente em suas primeiras elaborações teóricas, como por exemplo, no estudo do sistema enunciativo proposto na *Analyse automatique du discours*, onde os lugares dos locutores são vistos de maneira bem lacaniana, como formações imaginárias (1969, p. 19).

3. O real: em direção a uma « teoria materialista do discurso »

Como o inconsciente, o real lacaniano está presente em todo pensamento dos anos 60. O real é o irrepresentável, o informulável, o que escapa à simbolização no âmbito da tríade RSI (Real, Simbólico, Imaginário).

Lacan fala do real desde sua tese de 1932 (*De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la réalité*), mas só apresenta mesmo a sua noção em seu primeiro seminário de 1953-1954, *Les Ecrits techniques de Freud*⁷ :

[...] o real, ou aquilo que se depreende enquanto tal, é o que resiste totalmente à simbolização. Ao final das contas, o sentimento do real não se apresenta a seu máximo na contundente manifestação de uma realidade irreal, alucinatoria ? (1975 [1953-1954], p. 110).

Uma vez definido em relação ao simbólico (o discurso) e ao imaginário (o fantasma), o real é aquilo que não é acessível ao sujeito a não ser na alucinação, e ele é acima de tudo pleno, compacto e sem fissura, impermeável à falta que cria o desejo. De fato a divisão do sujeito, suas falhas e suas contradições são os motores de seu desejo, que só advém quando ele ascende ao simbólico, o que lhe permite « dizer » uma realidade, e não um real. Esse tema é desenvolvido no seminário VII, *Le désir et son interprétation*, ainda não editado:

Digo o real e não a realidade, pois a realidade é constituída de todos os cabrestos em que o simbolismo humano leva o real, de maneira mais ou menos perspicaz, ao fazer do real os objetos de sua experiência. À medida que tal objeto volta-se para o real, participa do fato que o real ali se apresenta justamente como aquilo que resiste à demanda, e a que chamarei de o inexorável (LACAN, 1958-1959, estenotipia).

Essa concepção do real, como aquilo sobre o que finalmente o desejo se constrói, é comum à psicanálise, à lingüística e à filosofia dos anos 1960. Toda a concepção da língua em que se baseia a ADF está impregnada dessa idéia de divisão e de falha. Desde 1971, no momento em que M. Pêcheux trabalha intensamente com A. Culioli e C. Fuchs, ele coloca a natureza da relação com a realidade nos termos do efeito ideológico que é, segundo creio, o equivalente marxista do « cabresto simbólico » de Lacan :

O ponto central sobre o qual se diferenciam os funcionamentos ideológico-nocional, por um lado, científico-conceitual⁸ por outro, é realmente, como o anunciávamos mais acima, a natureza da referência à « realidade ».

Podemos então acrescentar, mais precisamente, que a exterioridade da « realidade » é um efeito ideológico que não deve se confundir com a tese materialista que diz respeito à existência do real fora do pensamento: à medida que essa última tese, para se formular, apoia-se necessariamente sobre a existência das diferentes disciplinas científicas, pode-se até dizer que ela é exatamente o contrário do efeito ideológico em questão (FUCHS, PECHEUX s.d., ca 1971: 34 ; grifo dos autores).

No mesmo ano, o célebre artigo em que se define a « semântica discursiva », que é o nome que M. Pêcheux escolhe para *sua* análise do

discurso a partir da noção central de « formação discursiva », apóia-se sobre um pano de fundo materialista (« condições de produção », « processo », « posições ») que integra ao próprio sentido as condições de produção do sentido. É uma nova posição, que coloca uma relação nova entre a língua e seu exterior, relação que não é mais a de oposição e sim de um continuum :

O caso é bem diferente para a semântica. De fato, *aquilo que reata as « significações » de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é nada secundário, mas constitutivo das próprias significações*: como o ressaltamos com pertinência, falar é mais que produzir um exemplo de gramática.

Isso quer dizer que a semântica capaz de descrever cientificamente uma formação discursiva e também as condições de passagem de uma formação a outra não se restringiria a uma semântica lexical (ou gramatical), mas deve fundamentalmente dar conta dos processos que regem o agenciamento dos termos em uma seqüência discursiva ; e isso se dá em função das *condições* nas quais essa seqüência discursiva se produz : chamaremos « semântica discursiva » a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, análise que leva em conta o laço que reata os processos às condições nas quais o discurso é produzido (às posições a que ele deve estar referido) – (PECHEUX, HAROCHE, HENRY, 1971, p. 141 e 149; ital. dos autores).

Essa posição desapareceu um pouco dos trabalhos atuais, em que o contexto de produção é freqüentemente apresentado como um exterior que tem certamente influência sobre a elaboração do sentido, mas que não mais se vê como o que entra intimamente no próprio processo de construção do sentido. O sujeito autônomo retomou alguns de seus antigos direitos. Mas, na ADF dos anos 1970, que *Les vérités de La Palice*, publicado em 1975, representa bem, a transparência do sentido e o domínio do dizer são abordados de forma precária. Na parte III intitulada « Discurso e ideologia », no capítulo 3: « A forma-sujeito do discurso », Pêcheux apresenta o conjunto dos conceitos de sua « teoria materialista do discurso », e particularmente o conceito de interdiscurso. Cito aqui o trecho para mostrar a que ponto e com que naturalidade essa teoria se apóia sobre o fundo conceitual materialista:

Propomos chamar interdiscurso o « todo complexo a dominante » das formações discursivas, precisando bem que ele também está submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação sobre a qual dissemos que caracterizaria o complexo das formações ideológicas. Diremos nessas condições que é próprio de toda formação discursiva dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, determinando essa formação discursiva enquanto tal, objetividade material que reside no fato que « se fala » sempre « antes, alhures e independentemente », ou seja, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PECHEUX, 1975, pp. 146-147).

Enfim, em uma obra que se tornou dificilmente legível mas ao mesmo tempo característica desse estado da teoria do discurso articulada sobre o inconsciente e a ideologia, intitulada *La langue introuvable*⁹, escrita por M. Pêcheux e F. Gadet, e publicada na coleção d'Althusser pela Ed. François Maspero, encontra-se constantemente uma referência ao « real da língua ». Um dos capítulos se intitula « O real da língua é o impossível », e que desenvolve a posição de J.-C. Milner (1978), que propõe o termo de *lalangue* para designar justamente esse real da língua:

A tese defendida por Milner atribui então inteiramente a possibilidade da lingüística ao fato que a língua encerra o impossível, « impossível de dizer, impossível de não dizer de certa maneira ». O Édipo lingüístico corresponde ao fato que o todo de *lalangue* não pode ser dito, em nenhuma língua que seja (GADET, PECHEUX, 1981, p. 49; ital. dos autores).

Real da língua, real da história, real do inconsciente, são os impossíveis sobre os quais se constroem e se dizem a língua, a história e o inconsciente.

4. A alteridade

A alteridade ou a divisão é que define o materialismo. O materialismo é um pensamento voltado para o que lhe é externo, um pensamento de alguma forma fendido, existindo apenas quando há o outro (LEGRAND, SIBERTIN-BLANC, 2007). Essa alteridade fundamental do materialismo vai ao encontro da concepção que passa por Lacan releitor de Freud, transmitida na ADF via M. Pêcheux até os lingüistas

discursivistas contemporâneos que relacionam o real da língua e o inconsciente do discurso, fundando suas pesquisas na idéia de que há um outro lado desconhecido da língua e do discurso, que há uma outra cena discursiva, e que, em termos banais que M. Pêcheux não negligenciava, não sabemos aquilo que dizemos. Sou incapaz de traçar a genealogia dessa alteridade, e de perceber o que vem da psicanálise e da filosofia materialista nesse ponto. Comentei acima que a teoria da ideologia como o inconsciente do sujeito proposta por L. Althusser em seu artigo de 1970 já estava amplamente presente na primeira das *Três notas sobre a teoria dos discursos*: a teoria da ideologia nasce então, em parte, em um texto sobre a psicanálise, nasce parcialmente da psicanálise, e me parece importante ressaltar isso.

Parece-me então interessante descrever como Lacan descreve o sujeito « alienado » (objeto de uma das citações em destaque desse artigo), e mostrar o que a análise do discurso fez dessa falha estrutural sobre o plano da teoria do discurso. Pode-se ver bem na citação do Seminário 5 *Les formations de l'inconscient*¹⁰ de 1957-1958 aquele que articula melhor e mais criativamente saberes com que trabalham a filosofia, a lingüística e a psicanálise. Na primeira parte, intitulada « As estruturas freudianas da mente », ele corrói os fundamentos do sujeito da psicologia e seu fantasma de unidade e de síntese:

Nenhum dado da experiência permite seguramente sustentar a identificação do eu com um poder de síntese. Seria mesmo necessário recorrer à experiência freudiana ? Uma simples inspeção sincera do que é a vida de cada um de nós permite vislumbrar que esse suposto poder de síntese só pode fracassar. A bem dizer, a não ser fingindo-se, nada há de mais comum que a incoerência de nossos motivos e a impressão de sua profunda imotivação, de sua alienação fundamental. Freud nos traz uma noção de um sujeito que funciona para além. Ele mostra os mecanismos e ações desse sujeito em nós tão difícil de alcançar. É aí que alguma coisa deveria chamar a atenção, ou seja, que esse sujeito – que introduz uma unidade escondida, secreta, naquilo que nos parece ser, no âmbito da experiência mais comum, nossa profunda divisão, nosso profundo enfeitiçar, nossa profunda alienação em relação a nossos próprios motivos – que esse sujeito seja outro (LACAN, *Séminaire 5*. 1998 [1957-1958], p. 48).

A ADF se funda sobre essa mesma divisão alienante do sujeito e sobre a contradição inerente a suas produções, a partir de uma concep-

ção da língua heterogênea em suas falhas. O texto que descreve melhor essa natureza imperfeita da língua é *Le mauvais outil* de P. Henry, amigo e companheiro de trabalho de M. Pêcheux¹¹, obra que parte da contestação da teoria de O. Ducrot sobre o pressuposto (para Ducrot o pressuposto é como um desvio, uma falha da língua):

Que a linguagem como instrumento tenha sempre uma falha é algo patente e não se tem muito mais a dizer a respeito do ponto de vista científico, creio. Enquanto instrumento da comunicação e da troca, do pensamento e de sua expressão, acaba sempre traindo o pensamento, sendo causa de malentendidos, ilusões e equívocos. No caso, falar em uma falha da linguagem, apresentá-la como um instrumento ruim, como Bentham ou Frege, parece até um eufemismo que mantém a miragem de uma linguagem bem feita, de um instrumento aperfeiçoado ou de um emprego racional desse instrumento. Não é dessa forma que se pode abordar a língua (HENRY, 1977, p 162).

Essa concepção da língua e dos modos de produção do discurso deu em um conjunto de conceitos tão ricos quanto complexos, e que formaram, entre 1969 e os anos 1980, essa « teoria materialista do discurso » desde então esquecida: as produções verbais são atravessadas pelo *interdiscurso* produtor de *discursos-transversos* (PÊCHEUX, 1975), cujas marcas não se pode balizar no *intradiscurso* (ou seja, a *materialidade discursiva*, CONEIN *et al.*, 1981), constituídas de *heterogeneidade discursiva* (AUTHIER-REVUZ, 1995), enraizadas em uma *memória discursiva* (COURTINE, 1981) que corrói a homogeneidade ilusória do sujeito que crê ingenuamente (*i.e.* ideologicamente) no domínio de seu discurso. A noção de heterogeneidade discursiva proposta por J. Authier (1982), que reformula de uma certa maneira o interdiscurso de M. Pêcheux, é diretamente ligada a essa alteridade a um só tempo psicanalítica e materialista, e constitui uma importação teórica particularmente bem sucedida nas ciências da linguagem.

Dezenas de trabalhos da lingüística e da análise do discurso desde o início dos anos 1970 surgiram dessa idéia que o discurso é exterior a si mesmo; a análise dos segmentos languageiros empíricos foi profundamente modificada (uma descrição do conjunto dessa aventura é dada em Mazière, 2005).

Conclusão

Se considerarmos o horizonte histórico e epistemológico que acabo de esboçar em linhas gerais, e as proposições marcantes da ADF entre 1960 e 1980, a análise do discurso tal como é atualmente praticada na França é o resultado de duas evoluções epistemológicas inversas: uma redução em direção a uma análise lingüística da língua que parece ter esquecido a história (movimento internalista), ou uma extensão a uma sociologia da fala que esqueceu a materialidade da língua situando seu objeto na interação em geral (movimento externalista). Pode-se dizer, e isso é uma simples constatação que nem é nostálgica nem é aliviadora, que a análise do discurso «desmaterializou-se» de alguma forma ao se desmarxizar. Mas acrescento com um lamento explícito que ela também perdeu a dimensão do inconsciente, que mantinha tanto seu interesse quanto seu risco.

ABSTRACT

The article revisits certain of the original concepts of French Discourse Analysis (FDA) and discusses some of the reformulations these concepts have undergone. Thus, the article focuses on a number of theoretical threads which have brought together discourse analysis, materialism and psychoanalysis, by re-examining them vis a vis the concepts of unconsciousness, reality and discourse. The work focuses on some of FDA's epistemological paths and revisits certain notions put forward by M. Pêcheux, which are still being used in a number of areas within FDA, as well as others which no longer match the author's original ideas. Finally, the article claims that, at present, FDA is the result of two contrasting epistemological evolutions. On the one hand, there is a trend which privileges linguistic analysis detached from history (the so-called internalist movement); on the other hand, there is another trend which sees discourse analysis as an extension of speech sociology, thus disregarding language itself and establishing interaction as a whole as its object of analysis (the so-called externalist movement). This picture points to the fact that as FDA loses its Marxist traits, it is

being 'dematerialized; by the same token, as it loses sight of unconsciousness, it also loses interest and risk.

KEYWORDS: discourse analysis, unconsciousness, reality, otherness.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L., Idéologie et appareils idéologiques d'État, notes pour une recherche . *La pensée. Revue du rationalisme moderne* 151, juin 1970, 3-38.

_____. *L'avenir dure longtemps* suivi de *Les faits. Autobiographies*. Paris: Stock/IMEC, 1992.

_____. *Écrits sur la psychanalyse*. Paris: Stock/IMEC (1966, Trois notes sur la théorie des discours, pp. 111-171; 1966, Lettres à D..., pp. 55-110), 1993.

_____. Marxisme et humanisme (1963). *Pour Marx*. Paris: La découverte, 1996 [1965], pp. 223-249.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV* 26. Paris: Centre de recherche de l'université de Paris VIII, 1982, pp. 91-151.

_____. *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Paris: Larousse, 1995.

BIRMAN, J. *Foucault et la psychanalyse*. Lyon: Parangon/Vs., 2007.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (dir.). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, 2002.

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. À propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages* 62 - Analyse du discours politique. Paris : Larousse, 1981, pp. 9-128.

_____. L'étrange mémoire de l'analyse du discours (communication au colloque de Porto Alegre, Hommage à Michel Pêcheux, inédit en français, parution en portugais dans les actes), 2003.

FUCHS, C. ; PECHEUX, M. *La détermination: relatives et déterminants*, mémoire, s.l.n.d., [dactylographiées (incomplet, 2 premiers chapitres)], s.d. (ca 1971), 46 p..

HENRY, P. *Le mauvais outil. Langue, sujet et discours*. Paris: Klincksieck, 1977.

HERBERT, T. [PECHEUX, M.]. Réflexions sur la situation historique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale. *Cahiers pour l'analyse* 2, « Qu'est-ce que la psychologie ? », 1966.

_____. Pour une théorie générale des idéologies. *Cahiers pour l'analyse* 9, «Généalogie des sciences». 1968.

LACAN, J. *Séminaire 1. Les écrits techniques de Freud*. [1953-1954]. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. *Séminaire 5. Les formations de l'inconscient*. [1957-1958]. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

_____. *Séminaire 7. Le désir et son interprétation*. [1958-1959]. [Inédit, sténotypie en ligne sur <http://www.ecole-lacanienne.net>]

LAPLANCHE, J. *Séminaire de Sainte-Anne* [inédit, papiers de travail]. 1968.

LEGRAND, S.; SIBERTIN-BLANC, G.. Introduction générale: vers le matérialisme. Groupe de Recherches Matérialiste. 2007, en ligne sur

<http://www.europhilosophie.eu/recherche/spip.php?article130>

MACHEREY, P. Langue, discours, idéologie, sujet, sens : de Thomas Herbert à Michel Pêcheux . Groupe d'études « La philosophie au sens large », 1968, en ligne sur <http://stl.recherche.univ-lille3.fr/seminaires/philosophie/macherey/macherey20062007/macherey17012007.html>

MALDIDIER, D. (prés.), 1990, *L'inquiétude du discours*. Textes de M. Pêcheux. Éditions des Cendres. 2007.

MAZIERE, F. *L'analyse du discours. Histoire et pratique*. Paris: PUF, "Que sais-je ?", 2005.

MILNER, J.-C. *L'amour de la langue*. Paris: Éditions du Seuil, coll. « Le champ freudien », 1978.

ORLANDI, E. L'analyse du discours et ses entre-deux : notes sur son histoire au Brésil. In : ORLANDI, E., GUIMARAES, E. (dir.). *Un dialogue atlantique. Production des sciences du langage au Brésil*. Lyon: ENS Éditions, 2007, pp. 37-61.

PAVEAU, M.-A. *Les prédiscours. Sens, mémoire, cognition*. Paris: Presses Sorbonne nouvelle, 2006.

_____. Interdiscours et intertexte. Généalogie scientifique d'une paire de faux jumeaux . In: *Linguistique et littérature: Cluny, 40 ans après*, Actes du colloque de Besançon, novembre 2007, Presses universitaires de Franche-Comté, 2008.

_____. ; ROSIER, L. Éléments pour une histoire de l'analyse du discours. Théories en conflit et ciment phraséologique [communication au colloque franco-allemand : « L'analyse du discours en France et en Allemagne »], texte en ligne sur <http://www.johannes-angermueller.de/francais/adfa.html> , 2005.

PECHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

_____. *Les vérités de La Palice*. Paris: François Maspero, coll. « Théorie », 1975.

_____. L'étrange miroir de l'analyse du discours. *Langages* 62 - Analyse du

discours politique. Paris: Didier-Larousse, 1981, pp. 5-8.

_____. ; FICHANT, M. *Sur l'histoire des sciences*. Paris: François Maspero, coll. « Théorie », 1969.

_____. ; HAROCHE, C. ; HENRY, P. La sémantique et la coupure saussurienne. *Langages* 24 - Épistémologie de la linguistique. 1971, Didier Larousse, repris dans Maldidier, 1990, pp. 133-153.

_____.; GADET, F. *La langue introuvable*. Paris: François Maspero, coll. « Théorie », 1981.

PLON, M. *Analyse du discours (de Michel Pêcheux) vs analyse de l'inconscient*. (inédit, papier de travail), 2003.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*. Paris: Fayard, 1993.

NOTAS

¹ N. do T.: mantenho os títulos originais no corpo do texto, exceto para capítulos e partes das obras, para remeter à referência da bibliografia da autora. Seguirão, nas notas, apenas as referências em português de título traduzido ou aquelas de sentido fundamental. Para essa nota: PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997, pp 61-151.

² Esse pseudônimo é por sinal menos romântico que o « nome de guerra » mencionado por P. Macherey, que retoma o mito da clandestinidade que envolve parcialmente M. Pêcheux: era como se ele estivesse no serviço militar, submetido à reserva, mais restritivamente em 1966-1967 que hoje em dia, em que os exércitos inventaram o « dever de expressão »; ele escrevia então sob pseudônimo, como explica muito simplesmente sua mulher Angélique (entrevista pessoal).

³ MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso - (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

⁴ « A estranha memória da análise do discurso ». Resposta em forma de homenagem a um texto de M. Pêcheux, « L'étrange miroir de l'analyse du discours (o estranho espelho da análise do discurso) », que prefacia a publicação de sua tese na revista *Langages* (Courtine 1981).

⁵ N. do T.: « As verdades de la Palice ». O título é uma expressão popular que quer dizer *uma verdade risível de tão evidente*, imputada às histórias do nobre

francês Sr. de La Palice. Não há referências de sua tradução em português.

⁶ Henry, P. *A ferramenta imperfeita*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

⁷ Lacan, J. *O Seminário - l. I - Escritos técnicos de Freud*. Rio: Jorge Zahar: 1996.

⁸ O ponto de partida dos trabalhos de M. Pêcheux é a distinção entre discurso científico e discurso ideológico, trabalhada a partir do assunto de sua tese, os « enunciados insólitos », e veiculada em seu primeiro livro, escrito em colaboração com M. Fichant, *Sur l'histoire des sciences* (Fichant, Pêcheux 1969).

⁹ PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

¹⁰ Lacan, J. *O Seminário - l. V - As formações do inconsciente*. Rio: Jorge Zahar: 1999.

¹¹ M. Pêcheux trabalhou em estreita colaboração com seus dois amigos, P. Henry e M. Plon. Eles mantiveram juntos durante três anos e meio um seminário intitulado « Pesquisas sobre a teoria e as ideologias » na MSH (entre 1976 et 1979), denominado o « seminário HPP », lugar importante do pensamento daqueles anos.

TRADUÇÃO: Geraldo Ramos Pontes Junior